

Do que falo são histórias de rasgar o coração eou histórias esquisitas. Coisas extremas e coisas insólitas. Tragédias, farsas, autênticas tragédias. Dor pueril, dor humana, dor cruel. Comoção verdadeira, sentimentalidade ridicularizada, fé cheia de ceticismo e fé sincera. Catástrofes, obviamente. Catástrofes naturais e outras. E mais especialmente: milagres. No que se refere a eles, a demanda é sempre enorme. Nós compramos milagres seja onde for. Ou melhor, pegamos sem pagar. Os milagres estão à disposição de nós todos. Não é à toa que chamamos a época dos milagres. Eles têm os mártires e nós temos os milagres. Você entende.

Os países latinos são especialmente férteis. A boa antiga Babilônia. E é claro, a Transilvânia. Os Bálcãs etcetera. Você realmente domina todas estas línguas? Todas as dez?

Alguém que se parece com o Cristo sem barba não pode passar de um mentiroso, certo? Ou Rasputin. Rasputin é melhor. Vou lhe chamar assim pelas costas, tudo bem? Alguma novidade sobre o Rasputin? De resto, é indiferente, disse o homem, um redator, a Abel Nema, quando ele o viu pela primeira e pela última vez. Por mim você mente eou também inventa. O importante é que seja bom. Você me entende?

Bom, bom, bom. Muito bom. De resto, não é nem necessário mentir. A vida é cheia de terríveis acasos e incontáveis acontecimentos. Você entende.

0. AGORA

Fim de semana

Pássaros

Vamos chamar o tempo de *agora*, vamos chamar o local de *aqui*. Vamos descrever ambos da seguinte forma.

Uma cidade, um bairro situado na parte leste. Ruas de um tom marrom, armazéns vazios ou cheios não se sabe exatamente de quê e casas para desabrigados completamente entupidas, correndo ao longo da linha do trem em zigue-zague, esbarrando num muro de tijolo em repentinos becos sem saída. Uma manhã de sábado, outono há alguns dias. Nenhum parque, apenas um triângulo mínimo e deserto do que se costuma chamar área verde, porque algum pedaço havia sobrado na confluência de duas travessas, sendo assim, um canto vazio. Súbitas rajadas do vento que bate de manhã cedo – isso vem do traçado serrilhado das ruas, uma espécie de prótese *social* – sacodem um disco de madeira, um velho brinquedo de criança, ou algo parecido, disposto na margem da área verde. Ao lado a alça arredondada de um balde de lixo flutuando livre, o balde mesmo está faltando. Lixo misturado no matagal próximo, que tenta se livrar dele em ataques de calafrios, mas no mais caem apenas folhas estalando sobre concreto, areia, cacos de vidro, verde já repisado. Duas mulheres, e um pouco depois mais uma, a caminho do trabalho, ou vindo do trabalho. Cortam o caminho aqui evitando a esquina, batem com os pés pela trilha, aberta pelos passos e pelo tempo, que divide o verde em dois triângulos. Uma das mulheres, uma corpulenta, ao passar empurra com dois dedos o disco de madeira. A base do disco range alto, como se fosse o canto estridente de um pássaro, ou talvez tenha sido mesmo um pássaro, um entre as centenas que cruzam o céu. Estorninhos. O disco gira cambaleando.

O homem, segundo elas, de alguma forma se parecia com um pássaro, ou um morcego, mas um enorme, do jeito que estava

pendurado ali, as abas negras de seu casaco se agitando às vezes ao vento. Mais tarde as mulheres declararam, haviam pensado primeiro que alguém deveria apenas ter esquecido seu casaco ali naquela barra de pendurar tapete, ou o que seja aquilo, um brinquedo de praça. Mas então elas viram que as mãos pendiam para fora, mãos brancas, as pontas dos dedos curvadas quase tocavam o chão.

Numa manhã de sábado no início do outono, três trabalhadoras encontraram o tradutor Abel Nema balançando, de cabeça para baixo, pendurado num brinquedo de uma praça abandonada no bairro da estação. Os pés enrolados com uma fita adesiva prateada, um sobretudo preto e longo cobria sua cabeça. Ele balançava levemente ao vento da manhã.

Altura: aproximadamente... (muito alto). Peso: aproximadamente... (muito magro). Braços, pernas, tronco, cabeça: estreitos. Pele: branca, cabelos: negros, rosto: alongado, faces: alongadas, olhos: estreitos, sacos lacrimais incipientes, testa alta, linha dos cabelos em forma de coração, sobrançelha esquerda profunda, sobrançelha direita elevada – um rosto ao longo dos anos cada vez mais assimétrico, com um lado direito alerta e um lado esquerdo dormente. Uma pessoa que não tinha má aparência. Mas *bom*, isso também é outra coisa. Em meio a feridas mais antigas que aos poucos iam sarando, uma meia dúzia de novas. Mas independente disso:

Alguma coisa, contudo, está diferente agora, pensou Mercedes, sua mulher, quando a chamaram mais tarde ao hospital. Talvez apenas pelo fato de ser a primeira vez que eu vejo ele dormindo.

Na verdade não, disse o médico. Nós o colocamos num coma induzido. Até sabermos qual é o estado do cérebro.

E como também se trata de um delito de violência, afinal a pessoa, mesmo sendo capaz, não teria como se colocar naquela

situação sozinho, a polícia também faz suas perguntas. Quando teria visto seu marido pela última vez.

Mercedes olha demoradamente para o rosto.

Eu quase poderia ter dito: Pensando bem: nunca. Mas então ela disse: Foi... no nosso divórcio.

Corais

Num dia de sábado, há aproximadamente mais de quatro anos, Abel Nema chegou atrasado para o seu casamento. Mercedes estava de vestido preto, justo, com uma gola branca e com um buquê de margaridas brancas na mão. Ele chegou como sempre numa roupa preta amarrotada, procurou demoradamente com os dedos trêmulos por sua carteira de identidade, parecia que não iria encontrá-la, mas então encontrou no bolso onde primeiro havia procurado. Para o divórcio, numa segunda-feira há... ele novamente chegou atrasado, eu já podia adivinhar, depois de alguns instantes a gente sabe, já quando ainda havia tempo suficiente, quinze minutos antes da hora marcada, quando Mercedes encontrou-se com a advogada dos dois.

É o que vocês realmente querem? perguntou a advogada quando eles a contrataram. Pelo menos ele havia comparecido ali razoavelmente na hora certa, porém em seguida não disse uma palavra sequer, apenas acenava com a cabeça e concordava com tudo que Mercedes dizia. Você tem certeza? perguntou a advogada depois. Talvez cada um devesse... seu próprio... Não, disse Mercedes. Isso não é um litígio. Além da economia com as despesas.

Sendo assim já era de se saber que uma vez mais nada se resolveria sem atritos, por que é que logo dessa vez deveria ser sem atritos. Eles estavam no corredor do tribunal, a advogada

falava alguma coisa, Mercedes não dizia nada, ambas esperavam. Lá fora se formava um derradeiro calor dos infernos, como se o verão que se despedia viesse uma vez mais, com sua cabeça escarlata ao alto, abrir o focinho e soltar (Mercedes, a associação é dela) seu bafo quente de desprezo sobre nós, mas aqui dentro um frescor de geada atravessava o longo corredor esverdeado.

Quando o celular da advogada tocou, faltavam apenas cinco minutos para a audiência e, lógico: era ele. Mercedes aguçou os ouvidos, quem sabe poderia escutá-lo e saber como soava sua voz, mas não conseguiu ouvir nada, apenas o eco dos corredores e a advogada dizendo hum-hum-ah-entendo-tudo-bem.

Ele ligou, contou ela, para informar que estava a caminho, ou seja, algo como, houve um problema. – Por que razão isto não me surpreende? Toda vez que este homem se põe a caminho de algum lugar, seja aonde for, surge um problema. – O problema dessa vez era que ele teria que pegar um táxi, não, não era esse o problema, o problema era que ele não poderia pagar, no momento não tinha praticamente dinheiro algum, mas ele precisava pegar o táxi, senão não chegaria ao tribunal, ao menos na hora prevista.

Entendo.

Elas ficaram ainda um minuto uma ao lado da outra no corredor, então a advogada disse que sairia agora e esperaria por ele em frente ao prédio. Mercedes acenou que sim com a cabeça e foi ao banheiro. Ela não precisava ir ao banheiro, mas ficar ali fora no corredor ela também não conseguia. Lavou as mãos, parou em frente ao espelho com os dedos pingando, se olhou.

Voz de mulher (canta): Do-o-na no-o-bis pa-a-cem pa-cem.
Doooo-naa no-o-bis paaaa-cem.

Voz de homem (canta com ela): Do-o-na no-o-bis pa-a-cem pa-cem.

Doooo-naa no-o-bis paaaa-cem.

Outras vozes (cantam com eles): Do-o-na no-o-bis pa-a-cem pa-cem.

Doooo-naa no-o-bis paaaa-cem.

Todos: Do-na. No-bis. Pa-a-cem, pa-cem. Doooo-naa no-o-bis paaaa-cem.

Voz de mulher: Do-o-na no-o-bis...

Voz de homem: Do-o-na no-o-bis

Voz de mulher (ao mesmo tempo): Paa-cem- pa-cem.

Voz de homem: Paa-cem- pa-cem.

Voz de mulher (ao mesmo tempo): Doooo-naa no-o-bis.

Outras vozes (ao mesmo tempo): Do-o na no-o-bis.

Voz de homem (ao mesmo tempo): Paa-cem, pa-cem.

Outras vozes: Paa-cem pa-cem.

Voz de homem (ao mesmo tempo): Doooo-naa no-o-bis.

Voz de mulher (ao mesmo tempo): Paaa-a-cem.

Outras vozes (ao mesmo tempo): Doooo-naa no-o-bis.

Todos: Paaa-a-cem. (Com um pouco de concentração a gente coloca tudo em ordem.)

No corredor não se podia ouvir, somente aqui: Ali perto ou bem longe um coral, ou o que quer que seja, ensaiava uma oração de paz, mas por que razão numa segunda-feira ao meio-dia, no intervalo do almoço, eles usam o intervalo do almoço de segunda-feira para cantar Dona nobis pacem. Durante quanto tempo, não faço a menor ideia, de qualquer forma incansavelmente. Paz à nossa alma, paz à nossa alma, paz, paz.

O batom escuro é inusitado. Os lábios fazendo biquinho em forma de coração. Por que é que a pessoa precisa se pintar pra ir ao próprio divórcio? Outras mulheres vêm e vão, olham-se da mesma forma no espelho, seus lábios claros ou escuros,